

ECOS DA SEMANA

= A Arte, a Vida e a Sociedade =

Ainda o senhor D. Sebastião

e a crítica do sr. Malheiro Dias à crítica do sr. António Sérgio

A escravatura branca

Encontra-se em Lisboa uma senhora uruguaiana que se tem notabilizado na defesa da emancipação da mulher — D. Paulina Luisy.

Feminista? Esta definição está tam ligada a ideas politicas, que aos espiritos delicados custa a admiti-la. A politica não deve constituir um anelo feminino e há muito que ela devia ter deixado de constituir um privilégio masculino.

Nem para uns nem para outros devia existir... Isto porque a mulher só será verdadeiramente livre quando a farça do voto não subsistir. Uma sociedade que se rege por principios eleitorais, como a nossa, nunca poderá dar à mulher a emancipação desejada. Eleger é sempre criar uma peanha para um idolo ou para um amo.

Mas D. Paulina Luisy é propagandista da libertação da mulher. Ignoro se a liberdade que ela apregoa tem limites—eu desejo-a ilimitada. Não concebo uma Liberdade, digna deste nome, que tenha uma muralha ou um código.

E a mulher tem estado até hoje encarcerada entre todas as muralhas e regulada por todos os códigos. Tem sido escrava. Tem sido apenas um instrumento de servidão — um instrumento de prazer, passivo e sem-volúpia, quer seja nos harems do Oriente ou nessas jaulas occidentais que se chamam — o lar... E o amor entre tudo isto é apenas um elemento secundário. E quando o amor atinge supremacia sobre os outros elementos — a mulher transforma-se em númen de fatalidade. As grandes paixões, os dramas, a ruína, a morte — porque há sempre interesses antagónicos a degladiarem-se.

Ora é necessário que o interesse desapareça de entre as relações dos dois sexos. É necessário que nenhum interesse se projecte sobre a união de duas almas. E isso só se conseguirá quando a mulher for completamente livre. Quando puder entregar livremente o seu coração, quando puder desfolhar, prodigamente, as rosas do seu amor. Quando, enfim, a sua situação económica adentro da sociedade não a obrigar a uma odiosa dependência do homem.

E então terá desaparecido o amor venal, esse amor que o ouro compra, terá desaparecido a prostituição, a escravatura branca — que D. Paulina Luisy agora vem combatendo.

Literatura feminina

...Mas a emancipação da mulher, além da evolução social, deve dar-se pelo desenvolvimento do espirito feminino. Esvatu-se já nos tempos remotos a teoria de que a mulher só necessitava conhecer aquilo que era indispensável às necessidades prosaicas do lar.

Actualmente, rasgam-se novos horizontes. A pintura, a escultura, a literatura e a música são hoje cultivadas apaixonadamente pelas hostes femininas.

E a literatura, que de todas as artes é a que torna o espirito mais culto e universalista, está sendo amada intensamente pela mulher.

E nisso a Inglaterra e a América destacam-se. A maioria dos romancistas contemporâneos destes países — são mulheres. São elas que povoam os «magazines» com suas novelas de aventuras, são elas que escrevem os folhetins para os grandes jornais, os dramas ligeiros para o teatro, os entrecos para o cinema.

E não são só escritoras as que vivem desta profissão. Um editor de Londres acaba de publicar um interessante volume intitulado «The Cresset anthology», onde reuniu varios trabalhos literários de apologia à beleza da capital britânica.

¿ Quem colabora nessa antologia? ¿ Nomes consagrados? Não. Raparigas que trabalham

PORQUE nestas colunas se deu registo à notícia do aparecimento dos livros do sr. António Sérgio, acerca do problema histórico da personalidade de D. Sebastião, justo é fazer uma referência ao trabalho do sr. Carlos Malheiro Dias, que procede à 2.ª edição da sua «Exortação à Mocidade» e no qual responde à Carta-Prefácio de «O Desejado».

Não apreciaremos agora a «Exortação», que reeditada só serve de pretexto à «Resposta». É um notável trabalho esse, como todos os que saem da pena do escritor ilustre, que é o sr. Malheiro Dias, mas não interessa ao problema que se discute.

A resposta à «Carta-Prefácio» ocupa cem páginas de texto e é um valioso trabalho em que o sr. Malheiro Dias corrobora as suas admiráveis qualidades de olemista elegante, de crítico lucidíssimo, demonstrando, mais uma vez a sua vasta cultura e o seu domínio completo da língua, em que é Mestre.

Apezar de tudo a «Resposta» não acrescenta nada à personalidade de D. Sebastião nem destrói a tese exposta no «Desejado». É principalmente uma crítica à crítica do sr. António Sérgio e neste limitado âmbito se confina. Sob esse aspecto, meramente pessoal, interessa pouco, a despeito de, pela sistematização e bom ordenamento dos capítulos, da erudição revelada, e do aticismo da frase se poder considerar modelar.

O carácter pessoal define-o o autor, logo de entrada dizendo: «O sr. António Sérgio não se limita a defender os seus pontos vista. Converte-as para mim em pontas de honra. Por isso lhe respondo neste tom e me justifico com as mesmas palavras de Camilo na advertência oposta à edição da «Sebenta»: como aparei em pleno peito os dardos todos, aqui estão bem assinaladas na réplica os estragos do ferro». Não estão tal assinaladas, porque o sr. Malheiro Dias não usa da truculência de Camilo e presta mesmo justiça ao seu adversário dizendo: «No exame da figura discutível do vencido de Alcácer-Quibir, o autor do «Bosquejo da História de Portugal» aplica com argúcia a comprovada pericia de analista. O seu raciocínio trabalha com a precisão dum cronómetro. Sómente, o cronómetro não foi regulado pela hora solar». Neste duelo, em que os dois antagonistas são bem dignos um do outro, se o sr. Malheiro Dias terça as armas duma ironia elegante e duma copiosa erudição o sr. António Sérgio bate-se com as da verdade histórica e do racionalismo científico, que não podem deixar de ser para nós as mais simpáticas.

Posta de parte a questão pessoal, entre os escritores, vejamos o problema histórico, como o aprecia o sr. Malheiro Dias.

É frouxa a defeza que o autor da «Exortação» faz da personalidade do Desejado, insistindo em dizer que não o apresentou à mocidade como escopo de virtudes. Ai o começa a condenar.

O D. Sebastião político — o do sonho imperialista, só tem para o sr. Malheiro Dias defesa no precedente do Infante de D. Henrique, que nas mesmas circunstâncias, contra o opinião geral, mal apercebido, empreendeu a desastrosa segunda jornada da Africa. Põe o argumento colhêr para a sr. António Sérgio, que considera o Infante «verdadeiro e reflexivo herói». A nós não nos faz impressão, pois collocamos no mesmo plano os dois ambiciosos e desvairados condutores de derrotas.

Quanto aos méritos de estratégia do «rei-maluco» argumenta o sr. Malheiro Dias com o que se tem passado no século xx, citando o relatório do general espanhol Silvestre que refere as dificuldades do desembarque na barra de Larache. Aparenta o autor ignorar o que sucedeu ao pobre general Silvestre e o calvário que para a Espanha tem sido a guerra de Marrocos, conduzida pelos Silvestres, seus primos e afins.

Acêrca da personalidade moral de D. Sebastião, insurge-se o autor da «Resposta» contra os epítetos depreciados pelo sr. António Sérgio, principalmente contra os de «idiota» e «rufião». Lá quanto ao de rufião, está certo. Rufião não poderia ter sido esse mirógino, miserável fim de raça, pois para ser rufião é preciso ter ainda alguma virilidade. Idiota não sabemos se seria; mau é que ele era com certeza, talvez desses tolos-maus, bem mais perigosos do que os tolos só.

Há passagens da «Resposta», as que se referem à documentação aduzida pelo sr. António Sérgio com o reforço da sua tese, com as quais estamos inteiramente de acôrdo. Os textos transcritos no «Desejado» sobre não serem daqueles que aos leigos não é dado compulsar, são tam extensos, de tam fastidiosa leitura, que reeditá-los foi castigar duramente o leitor, na bolsa, principalmente. O sr. Malheiro Dias cita aqueles, bem mais raros e interessantes, que o sr. António Sérgio deveria

em escritórios comerciais, em oficinas penumbrosas, e que aproveitam as escassas horas de ócio para dedicar-se à literatura. E — caso curioso! — as suas produções, que se supunham ingénuas, defeituosas, acabam de ser exalçadas pela imprensa francesa.

F. DE C.

ter utilizado para alicerces da sua obra. Que a lição sirva ao crítico, se bem que ninguém as verte...

Há na «Resposta» do sr. Malheiro Dias uma alusão a este Suplemento e a notícia sobre o «Desejado», nele publicada, que, já agora, não deixaremos passar em claro.

É por demais lisongeira a referência, para que não a deixemos de tomar em conta de simples demonstração de longanimidade, para com irredutíveis inimigos de ideas. Essa elegante attitude literária não impressionou, porém, o anónimo que estas linhas escreve e que no anonimato se compraz, e se a ela fazemos referência é por necessidade de rectificar um errado conceito do sr. Malheiro Dias.

O extraordinário architecto, que está erguendo o edificio admirável da «História da Colonização Portuguesa do Brasil», talvez por demasiado se preocupar com as coisas do passado, aparenta ignorar o estado actual dos problemas sociais em Portugal e no mundo. Parou demonstra-o na catilinária da «Exortação» contra os principios da Revolução Francesa — pelos «Direitos do Homem». Daí o chamar comunista a Batalha e «crítico comunista» ao autor da noticia, com um desdenhoso ar de reaccionária superioridade.

Nem a Batalha é — que saibamos — comunista, nem que o fosse seria, necessariamente, o seu colaborador. É que deste lado de cá da barricada dão-se fenómenos que o sr. Malheiro Dias não está habituado a ver nos jornais que brilhantemente tem dirigido. Ali, o credo politico, conforme com o dos directores ou donos das gazetas, é condição indispensável para poder trabalhar nelas e exteriorizar ideas. Aqui não nos preguntam por opiniões politicas — o pertencer à grande familia dos trabalhadores, basta como credencial.

Rectifique portanto o illustre escritor o seu erroneo conceito — nem «crítico», nem «comunista», pois temos muito orgulho em não ser nem uma coisa nem outra. Ainda a propósito do que aqui escrevemos acêrca dos «verdadeiros e reflexivos heróis» do sr. António Sérgio, aproveita o sr. Malheiro Dias esses reparos, que considera de «lógica inquebrantável», arremessando-os ao seu antagonista. Pois a despeito de os «partidários do detractor do «Desejado» — como refere o sr. Malheiro Dias — considerarem os nossos juizos levianos, simplistas e anacrónicos, persistimos neles, com a obstinação, talvez filha da falta das luzes espirituais, que alumiam esses criticos.

É que não temos duas bitolas, para analisar os fenómenos históricos ou outros. As obras dos homens — para nós — não valem pelo bem ou mal que delas provém, valem pela intenção nelas posta. Conhecemos muito bem a lèria de que os acontecimentos devem ser considerados no tempo e no espaço, que nos devemos transportar à época e ao ambiente em que se produziram, para bem os analisar. Essa cômoda maneira de fazer história é, todavia, posta de parte quando se trata de coisas affectas à sentimentalidade e mesmo as ideas politicas. Os que assim dizem pensar, verberam os crimes do Terror, mas justificam os da Inquisição, exageram os massacres da Rússia soviética, mas desculpam os de Saint Barthelemy.

Não temos, repetimos, duas medidas. Continuamos a considerar Nun'Alvares, um louco, D. Henrique, um marceante sem escrúpulos, D. João II um assassino vulgar. Se o tempo e o espaço nos sobejassem, di-lo-íamos porque, empregando o «mesmo critério analítico de que se serviu o sr. António Sérgio», como irónicamente nos diz o sr. Malheiro Dias. Qualquer dos dois illustres homens de letras, sabe-o, porém, melhor do que nós, mas por necessidade de manter acêso o fogo sagrado do patriotismo, por puro critério pragmatista, aparenta ignorá-lo. Que lhes preste a dúbia attitude, que a nós, de poucas letras, mas de nenhuns refolhos, não convém.

J. B.

A educação da mulher

Mais um número especial da Educação Social a excelente revista de pedagogia e sociologia dirigida pelo illustre professor dr. Adolfo Lima — acaba de nos chegar as mãos. Este é consagrado à educação da mulher e do seu interesse e valia di-lo exuberantemente o simples enunciado dos artigos que contem e dos nomes que os subscrevem:

A dobrez do homem: o pai e o marido perante a mulher — D. Adelaide Cabete; Fénelon; A mãe como educadora — D. Albertica Gamboa; M^{me} Neker de Sausure; A mulher no meio social — D. Angélica Pôrto; D. Maria Amélia Vaz de Carvalho — D. Emilia de Sousa Costa; A mulher — factor do progresso social — D. Vitória Pais Freire de Andrade; Maria Lacerda Moura; A independência económica e a educação da mulher — Dr. Arnaldo Brazão; A educação da mulher — Adolfo Lima; Página selecta.

Se a leitura assídua desta revista pedagógica muito convém a todos os militantes operários, a deste número especial consagrado à educação da mulher torna-se-lhes particularmente indispensável.